

Universidade da Maia - UMAIA

Departamento de Ciências da Educação Física e Desporto



Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Catarina Manuel Albernaz Varão Cardoso Pereira

**Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos
Básico e Secundário**

Orientador institucional

Professora Doutora Patrícia Gomes

Catarina Manuel Albernaz Varão Cardoso Pereira

N.º 33354

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, nos termos do Decreto-Lei nº79/2014 de 14 de maio e do Decreto-Lei nº74/2006, de 24 de março, republicado pelo Decreto-Lei nº 63/2016, de 13 de setembro.

Trabalho realizado sob a supervisão da Professora Doutora Patrícia Gomes – Universidade da Maia, UMAIA e Orientação do Dr. Miguel Nascimento – Agrupamento de Escolas Gaia Nascente.

março, 2024

“É impossível separar o eu profissional do eu pessoal. A identidade não é um produto, um dado adquirido, é lugar de lutas e conflitos, um espaço de construção de formas de ser e estar na profissão. A construção das identidades passa pela construção da história pessoal e profissional e precisa de tempo para refazer concepções, acomodar inovações, assimilar mudanças. O modo de ensinar está diretamente ligado àquilo que o professor é como pessoa quando exerce o ensino.” (Nóvoa, 2000)

Agradecimentos

O último ano letivo revelou-se bastante desafiante para mim, pela conciliação com as atividades laborais, pela adaptação a um novo meio e por ter sido o primeiro (e último) passo na transição de aluna para um contexto profissional. Ainda assim, surge como o culminar do meu percurso académico, sendo que a partir deste poderei dar início à minha carreira profissional. Por isso, e por todas as experiências que vivenciei até hoje, levarei comigo muitas aprendizagens que me irão auxiliar no futuro.

Em primeiro lugar agradeço à UMAIA e a todos os docentes que encontrei ao longo deste percurso, pelo profissionalismo e empenho em formar os alunos. E que contribuíram para a aquisição dos conhecimentos necessários para me inserir no contexto profissional. Em especial à professora Patrícia pela orientação nesta última etapa.

À escola cooperante Agrupamento de escolas Gaia Nascente, lugar onde convivi e aprendi com professores de todas as áreas e que me acolheu da melhor forma possível. Ao professor Miguel que, como orientador cooperante, me acompanhou ao longo de todo o ano. E à Márcia que viveu esta experiência comigo.

Um agradecimento especial ao meu pai, irmão, tios e avós, por todo o apoio e encorajamento nos momentos mais difíceis.

Aos meus amigos, Madalena, Pedro, Cris e Francisco, pela ajuda, disponibilidade e companheirismo. E em especial à Mariana por todo o apoio, colaboração e sobretudo pela paciência. Foram alicerces para esta caminhada.

Aos meus alunos, que tornaram o meu ano mais alegre e enriquecedor, aos quais desejo a maior felicidade.

Por último, o mais profundo agradecimento à minha mãe pela educação e transmissão de valores. Dedico-lhe todos os momentos positivos do meu percurso, e embora que com muitas falhas, sei que estará orgulhosa pela conclusão de mais uma etapa e principalmente pela pessoa que sou.

Índice

Agradecimentos	iv
Índice	v
Índice de anexos	vi
Resumo	vii
Abstract	viii
Lista de Abreviaturas	9
1. Introdução	10
2. Enquadramento pessoal e profissional	11
2.1. Uma decisão a partir de um percurso.....	11
2.2. Expectativas iniciais	12
3. Enquadramento institucional	14
3.1. A importância da PES.....	14
3.2. A PES na UMAIA	15
3.3. A escola cooperante: lugar de prática	15
3.4 Caracterização do núcleo da PES	19
4. Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção	21
4.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem	21
4.1.1. Conceção de ensino	21
4.1.1.1 Modelos de Ensino	22
4.1.2. Planeamento	23
4.1.3. Realização.....	26
4.1.4. Avaliação.....	29
5. Participação na escola e Relação com a comunidade	32
5.1. Atividades realizadas	32
5.2. Fazer aprender para lá da aula: impactos da minha experiência e atuação.....	34
5.3. Socialização profissional e institucional.....	34
5.4. A Componente ético-profissional	36
6. Desenvolvimento profissional	37
6.1. Dificuldades e necessidade de formação contínua: um imperativo da profissão.....	37
7. Reflexões finais	38
8. Referências bibliográficas	40

Índice de anexos

1 Seminário à conversa com... Susana Costa.....	43
2 Corta Mato Escolar.....	44
3 Dia Mundial da Dança.....	45
4 Kayak Vem à Escola	46
5 Semana da Cor.....	47
6 Sarau Desportivo 2023	48
7 Dia Mundial da Criança.....	49

Resumo

A prática de ensino supervisionada assume-se como uma das bases essenciais para a formação de professores, sendo o primeiro contacto do estudante estagiário com um contexto real de ensino, entendido como fundamental para construção da identidade docente. Esta foi também uma oportunidade do estudante estagiário verificar e colocar em prática os ensinamentos adquiridos no 1º ano do mestrado. A prática de ensino supervisionada foi realizada no 2º ano do mestrado no ano letivo 2022/23, no Agrupamento de Escolas Gaia Nascente, onde foram lecionadas turmas do 2º ciclo (5º ano), do 3º ciclo (9ºano) e do secundário (10º ano), sempre com o auxílio e orientação de um Orientador Cooperante da escola e uma supervisora da Universidade da Maia. As necessidades de adaptação e superação de obstáculos são relatadas neste documento, como também, as estratégias e ferramentas utilizadas para superar as dificuldades e também os aspetos mais relevantes para a aprendizagem enquanto estudante estagiário. Nesse sentido, o relatório de prática de ensino supervisionada, encontra-se organizado e estruturado em oito capítulos, cada um com os seus subcapítulos. Pela ordem em que se encontram neste documento, os capítulos são: Introdução; Enquadramento pessoal e profissional; Enquadramento institucional; Prática profissional: do plano de análise ao de intervenção; Participação na escola e relação com a comunidade; Desenvolvimento profissional; Reflexões finais; Referências Bibliográficas.

PALAVRAS-CHAVE: PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA; IDENTIDADE DOCENTE; EDUCAÇÃO FÍSICA; CONTEXTO ESCOLAR.

Abstract

The practice of supervised teaching is one of the most fundamental foundations for teacher training. Since this serves as the intern's initial exposure to a real teaching environment, it becomes a crucial juncture for identifying and shaping one's teaching identity, as well as applying and refining the knowledge acquired during the first year of master's degree. Supervised teaching took place during the second year of the master's program, in the academic year of 2022/23, at the Gaia Nascente School Group. There was the opportunity to instruct classes for students in both elementary school (5th and 9th grades) and high school (10th grade), always under the guidance of a Cooperating Advisor from the school and a supervisor from the University of Maia. The needs to adapt and overcome obstacles are reported in this document, as well as the strategies and tools used to overcome difficulties and also the most relevant aspects for learning as a student intern. Hence, my report, regarding the practice of supervised teaching is organized and structured into eight sections, each with its subsections. The sequence of each point within this document is as follows: Introduction; Personal and professional context; Institutional context; Professional context: from analysis to intervention plans; Participation in school and relationship with the community; Professional development; Final reflections; Bibliographic references.

KEYWORDS: PRACTICE OF SUPERVISED TEACHING; TEACHER IDENTITY; PHYSICAL EDUCATION; SCHOOL CONTEXT.

Lista de Abreviaturas

EC- Escola Cooperante

EF- Educação Física

EE- Estudante Estagiário

MED- Modelo de Educação Desportiva

MEEFEBS- Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

MID- Modelo de Instrução Direta

NPES- Núcleo de Prática de Ensino

Supervisionado

OC- Orientador Cooperante

PES- Prática de Ensino Supervisionada

PNEF- Plano Nacional da Educação

Física

RPES- Relatório da Prática de Ensino

Supervisionada

SV- Supervisora

UMAIA- Universidade da Maia

UD- Unidade Didática

1. Introdução

O Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (RPES) foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Prática de Ensino Supervisionada (PES), inserida no 2º ano do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundários (MEEFEBS), da Universidade da Maia (UMAIA).

A PES representou o meu primeiro passo no contexto profissional. O presente relatório representa a fase final da minha formação académica, sendo o culminar de todas as experiências vivenciadas aquando do mestrado. Apresento-o com a pertinência de refletir sobre toda a minha prestação ao longo da PES.

O RPES é composto por oito capítulos principais, sendo eles o enquadramento pessoal e profissional onde me apresento e faço referência às minhas expectativas iniciais; o enquadramento institucional, onde reflito sobre a importância da PES, o lugar da prática, a PES na UMAIA e o núcleo da PES; a prática profissional, referindo o plano de análise ao de intervenção ao longo da PES; a participação na escola e relação com a comunidade; o desenvolvimento profissional, onde relato dificuldades que senti, assim como a necessidade de formação contínua; uma reflexão final sobre toda a minha trajetória ao longo deste ano letivo e por fim, as referências bibliográficas.

2. Enquadramento pessoal e profissional

2.1 Uma decisão a partir de um percurso

O caminho que até ao momento percorri ao longo da minha vida para encontrar o meu percurso profissional está completamente relacionado com o objetivo de me tornar professora de Educação Física.

Nasci na cidade do Porto, no seio de uma família que sempre me incentivou à prática de desporto. Na minha infância costumava praticar várias atividades físicas, como correr, jogar à bola, andar de bicicleta e jogar ténis, principalmente com o meu pai. Frequentei algum tempo a modalidade de Natação, no entanto o interesse pelo Futebol sempre me acompanhou desde muito cedo devido a influências familiares e a um gosto natural pelo Desporto. Foi aos 12 anos que tive a oportunidade de integrar na minha primeira equipa de Futebol Feminino, no Boavista Futebol Clube. Foi neste coletivo que permaneci durante cerca de 8/9 anos, passando por todos os escalões de formação até chegar à equipa sénior B do clube. Hoje posso afirmar que através da prática de Futebol, adquiri valores e atitudes essenciais, não só para o Desporto, como para a minha vida pessoal e profissional, tais como a responsabilidade, o espírito de grupo/trabalho de equipa, a capacidade de superação e o respeito. O Futebol foi o único desporto pela qual me apaixonei verdadeiramente, o único que não foi de passagem e que me acompanha até hoje. Para além desta atividade desportiva sempre demonstrei muito interesse pelo Desporto no seu geral e pelas aulas de Educação Física, logo então tomei a decisão de seguir este percurso no âmbito profissional.

A minha decisão de ser professora de Educação Física não surgiu apenas de influências familiares ou de paixões desportivas, mas também no contexto escolar. Ao longo do ensino que ia obtendo nas escolas que frequentei, imaginava um dia ocupar aquele lugar, pois considero que um professor tem a possibilidade e o dever de transmitir os seus conhecimentos e ainda mostrar a sua vertente mais humana, adquirindo admiração, respeito, confiança, influenciando os seus alunos a superarem-se.

A minha vida académica andou sempre emparelhada com a minha vida profissional. Realizei a licenciatura em Treino Desportivo no IPMAIA, que culminou num estágio curricular como treinadora-adjunta numa equipa de futebol, no Valadares Gaia Futebol Clube, onde permaneço até então. Relembro, o receio sentido nesta etapa pelo desconhecido, ou seja, por não saber quem seriam as minhas atletas e com quem trabalharia enquanto equipa técnica, e ainda pelos erros e obstáculos que pudessem surgir no caminho. Apesar desta não ter sido a minha primeira experiência como treinadora, este estágio revelou-se muito importante porque reiterou a minha vontade de ensinar. Pois tive a oportunidade de trabalhar

diariamente com jovens, conhecendo algumas das suas particularidades e conhecendo também, mais e melhor a minha identidade e os meus métodos de ensino, como alguém responsável por transmitir conhecimentos e valores. Por ter sentido as minhas capacidades para saber educar em evolução durante este estágio e, por conseqüentemente, me sentir motivada a fazer mais, consegui ver as enormes possibilidades que a área de ensino me poderia trazer. Senti que tinha uma grande margem de progressão profissional e também, pessoal com a realização deste mestrado.

2.2 Expectativas iniciais

A PES foi o momento mais aguardado desde que comecei o mestrado, pois esta etapa seria a minha primeira grande oportunidade para desenvolver os conhecimentos adquiridos ao longo do meu percurso académico.

As expectativas sentidas inicialmente foram elevadas. O facto de ter sido colocada numa das primeiras opções para o local da PES, influenciou muito a motivação para o trabalho que viria a desenvolver.

Possuía também expectativas em relação ao ambiente que iria encontrar no local e como professores de outras disciplinas e alunos encaravam a Educação Física (EF). Face aos elevados números de sedentarismo e obesidade nos dias de hoje, considerava que o papel de um professor de EF seria determinante e exemplar os alunos adquirirem para uma vida mais saudável.

Este ano assumiria o compromisso de lecionar as aulas de cada turma que me fossem atribuídas pelo OC e, por isso, esperava um ano muito trabalhoso implícito ao planeamento de cada aula, de cada unidade didáctica e de todo o ano letivo e às relações desenvolvidas com alunos diversificados, que me fizessem sair da zona de conforto, tendo sempre em vista a construção da minha identidade profissional, enquanto lhes transmitia bons exemplos e valores.

Acreditei sempre que contaria com o contributo e partilha de todos ao meu redor. Ambicionei conhecer profissionais que me pudessem inspirar, podendo contribuir desta forma para a missão que me propus. Para além disso, ansiei que o meu trabalho na PES, fosse reconhecido de forma positiva, apesar da minha pouca experiência.

Imaginei sempre que as condições encontradas na escola iriam ser favoráveis para o meu desenvolvimento profissional e como tal, permitiriam ter alguma liberdade para tomar

decisões, algo que considerava ser fundamental para a construção da minha identidade enquanto professora de EF.

Esperava que este ano fosse tão importante como realmente foi, para poder aplicar o que adquiri, aprender e melhorar as minhas competências no ensino da Educação Física. O meu principal objetivo neste ano letivo foi de alguma forma, em relação aos alunos, fazer de tudo o que estava ao meu alcance para lhes transmitir os valores mais importantes na vertente humana e também procurei mantê-los motivados para a prática de exercício físico, como tal, para uma vida menos sedentária.

Contudo, durante a PES foram encontradas algumas adversidades em contexto pessoal, que tornaram mais difícil este percurso. Sabia que não seria uma etapa isenta de dificuldades, mas estive sempre disposta a aprender e desenvolver mais as minhas competências como professora. Portanto, o ingresso na PES despertou em mim, inicialmente, sentimentos como o entusiasmo e otimismo em exercer a docência, evoluindo, posteriormente, para sentimentos como a preocupação e inquietação em relação ao meu desempenho. Deste modo, a PES foi um espaço de aprendizagem pessoal e sobretudo, profissional, na medida em que procurei tomar decisões adequadas e pertinentes em cada situação vivenciada. O trabalho desenvolvido possibilitou experiências desafiantes e enriquecedoras, como também, a reflexão para aperfeiçoar futuramente as competências associadas ao desempenho da docência.

Concluindo, foi um ano de constante aprendizagem e que face a todas as adversidades, adaptações e desafios que me foram surgindo na PES, acredito que realizei com sucesso a maior parte dos objetivos que foram traçados por mim.

Ambiciono que a conclusão desta fase académica me permita dar continuidade ao meu sonho em seguir esta profissão.

3. Enquadramento institucional

3.1 A importância da PES

A PES é um processo multifacetado e complexo que é caracterizado pela passagem de conhecimento teórico para o prático, concebido através de formação académica e transposto para a escola, marcando a passagem de estudante para estudante estagiário (EE) (Albuquerque, Graça e Januário,2005; Cunha,2008).

Ao longo do Mestrado, o EE é formado de forma teórica e prática para a PES, o expoente máximo para qualquer aluno no percurso académico.

Esta etapa é imprescindível para a formação de professores, pois é por este meio que se aplicam os conhecimentos adquiridos ao longo de vários anos de formação que depois são aplicados em contexto real. Assim sendo, é através da PES que se obtém as primeiras experiências na vida docente.

As vantagens adquiridas pelo EE durante a realização da PES são diversas. O foco é a formação de professores competentes, através da superação de desafios, erros cometidos e da contínua atualização de conteúdos ao longo do ano letivo.

É nesta fase que o EE tem a possibilidade de aplicar todos os conhecimentos obtidos durante a formação. É o culminar entre o conhecimento e a prática, em que um EE está cada vez mais próximo da profissão de Professor de Educação Física, na medida em que representa e desempenha todas as responsabilidades que acarreta tal profissão.

Esta etapa é a única capaz de nos proporcionar uma vivência profissional em contexto real e em contato com a comunidade Escolar, embora seja exigente, acredito ser o momento mais relevante e marcante na vida docente (Simões, 2008).

Segundo Tardif (2002) a PES, constitui uma das etapas mais importantes na vida académica, tendo como principal foco proporcionar ao estudante ferramentas essenciais como: a observação, a pesquisa, o planeamento, a execução e a avaliação das diferentes atividades pedagógicas.

Contudo, a conclusão da PES, não dá por concluída a aquisição de conhecimentos, a formação deve ser constante ao longo da carreira enquanto professor de EF, numa perspetiva de formação permanente, “pelo que aprender a ensinar implica um processo contínuo de desenvolvimento” (Seabra et al, 2016, p. 44).

3.2. A PES na UMAIA

A PES, corresponde a uma Unidade Curricular (UC) e está inserida no terceiro e quarto semestre do 2º ciclo de estudos do MEEFEBS, na UMAIA, e integra a Prática Supervisionada em contexto real de ensino, numa escola, e o RPES, cuja regulamentação se encontra substanciada pelas normas da instituição formadora e pela legislação específica, pelo Artigo nº11 do Decreto-Lei nº79/2014 de 14 de maio. A concessão do grau de mestre é alcançada após a aprovação no ato público de defesa do relatório da Unidade Curricular relativa à PES, obtendo-se assim, a habilitação profissional para a docência.

No primeiro ano de mestrado preparam-nos bastante para a PES. Os docentes, desde logo, transmitem os conhecimentos adquiridos ao longo da sua prática profissional, assim como expõem todas as adversidades que por eles foram contornadas ao longo do seu percurso.

Nas Unidades Curriculares do 1º ano do curso, são nos propostos alguns desafios, tais como observar e participar nas aulas de outros colegas, sendo estes momentos representados por um ciclo de teorias, práticas e estudos que exigem dedicação, pois, a partir deste exercício, o papel de aluno tem de ser interpretado para o de professor. Depois das aulas serem lecionadas, as observações eram discutidas em grupo de modo a tirar as melhores ideias possíveis para poder aplicá-las mais tarde em contexto real.

Os intervenientes nesta UC são: os EEs, a UMAIA, o orientador cooperante (OC) e, por fim, o supervisor institucional. A UMAIA estabelece protocolos com um conjunto de escolas cooperantes, que incluem a atribuição de um OC, um professor de EF experiente que é fundamental para receber e orientar o EE durante o ano letivo. Cada núcleo da PES é composto por um docente da UMAIA que complementa a sua ação de supervisão com o OC, e orienta a elaboração do relatório final.

3.3. A escola cooperante: lugar de prática

A minha PES foi realizada no agrupamento de Escolas Gaia Nascente que é constituído por três escolas, a escola sede Escola Secundária Gaia Nascente, a Escola Básica de Anes de Cernache e a Escola Básica Adriano Correia de Oliveira. O meu núcleo era constituído por mim e pela minha colega EE Márcia Santos e apenas estivemos inseridas nas duas primeiras escolas mencionadas.

A Escola Secundária Gaia Nascente, situada na Rua do Freixieiro, 4434-506 Vila Nova de Gaia, é a única do agrupamento que inclui o Ensino Secundário e cursos profissionais. Ao nosso núcleo foi atribuída uma turma de 10º ano, do curso profissional de

Desporto, onde lecionávamos a modalidade de Futebol. Esta foi a escola onde o meu núcleo passou menos tempo, pois só lecionávamos uma turma.

A Escola Secundária Gaia Nascente tinha dois pavilhões de dois pisos e contava também com uma zona exterior bastante grande. Nesta escola existia um pavilhão amplo com duas balizas de Futsal, quatro cestos de Basquetebol e todo o material disponível para a aula (bolas, sinalizadores, colchões, etc.), onde era possível dividir em três partes, caso houvesse três turmas em simultâneo. Por vezes, este cenário acontecia derivado a condições climatéricas, que indisponibilizava a realização das aulas no campo exterior. Apesar dos professores tentarem ajustar o espaço para que todas as aulas corressem pelo melhor, por vezes, tornava-se complicado fazer a gestão da realização dos exercícios, pois a falta de espaço era notória, como também, o ruído criado pelas turmas e pelo desporto em si.

Na parte exterior, existia um campo de Futebol de 7, em relvado sintético, onde normalmente se acompanhava as aulas de Atletismo lecionadas pelo OC e onde também dávamos aulas de Futebol à turma de Desporto.

Existia também uma sala de material, reuniões e convívio onde todos os professores se juntavam nos intervalos. Havia um bom ambiente de trabalho e uma ótima ligação entre os docentes do grupo de EF.

A Escola Básica de Anes de Cernache situada na Rua da Baiza, 4430-335 Vilar de Andorinho, foi a escola que mais tempo acolheu o nosso núcleo, onde trabalhamos com 4 turmas do 9º ano (duas para cada EE) e uma do 5º ano (apenas uma unidade didática).

Esta escola, embora fosse mais pequena que a Escola Secundária Gaia Nascente, possuía dois pavilhões centrais para as aulas e uma área exterior também grande, capaz de suportar todas as turmas que frequentavam a escola. Existia um campo exterior com duas balizas de Futsal e quatro cestos de Basquetebol, um pavilhão desportivo e ainda um campo com uma pista circular de Atletismo e uma caixa de areia para a mesma modalidade, que não estava em utilização devido à falta de manutenção. Esta inutilidade da caixa de areia, obrigou-nos a adaptar a modalidade de salto em comprimento, realizando os exercícios no pavilhão com o auxílio de um colchão.

O pavilhão desportivo, caso fosse necessário, também poderia ser dividido em duas partes, para a realização de duas aulas em simultâneo. O mesmo dispunha de duas balizas de Futsal e quatro cestos de Basquetebol.

A escola dispunha de material suficiente para as turmas realizarem as modalidades que integravam parte do currículo para o 9º ano, como por exemplo: bolas de Futebol/Futsal, Basquetebol, Andebol e Voleibol, como também, material necessário para modalidades como

o Badminton, Atletismo e Ginástica. Disponha também de coletes de cores variadas, sinalizadores e material de “ginásio” (ex.: pesos, TRX), todos em perfeito estado para a prática.

Talvez por ter sido o local onde mais tempo passamos, sendo também uma escola mais pequena, tornou-se no meu ponto de vista, mais acolhedora. Também era visível a proximidade e boa relação profissional entre o pessoal docente e não docente.

Contextualizar a PES implica apresentar as turmas com quem trabalhei. Na Escola Secundária Gaia Nascente, foi-nos atribuída uma turma do 10º ano, do ensino profissional de Desporto. A turma foi dividida em dois turnos, ficando eu responsável pelo segundo turno, a lecionar as aulas do módulo de Futebol, sendo atribuído o primeiro turno à minha colega EE. O meu turno era constituído por 13 alunos, 9 rapazes e 4 raparigas com idades entre os 15 e os 18 anos. De modo geral, os alunos mostravam um grande interesse pela modalidade, com exceção de uma aluna que era totalmente desinteressada. Esta não mostrava qualquer vontade de realizar com sucesso as tarefas propostas. Embora tivesse tentado motivar a aluna, considero que a mesma não mostrava qualquer tipo de colaboração para a prática da modalidade. A maior parte dos rapazes e das raparigas praticavam a modalidade de Futebol a nível federado, o que tornou mais motivador para mim lecionar esta turma.

Na escola Básica de Anes de Cernache, lecionei duas turmas do 9º ano. Uma das turmas era constituída por 21 alunos, 14 rapazes e 7 raparigas, com idades entre os 14 e os 15 anos. Esta turma era a maior em número, o que requeria uma boa organização do espaço e do tempo de aula. A nível de personalidade, desempenho e atitude dentro do espaço de aula, por parte dos alunos, era a turma mais heterogénea. Notava-se mais interesse dos rapazes pelo Futebol, e também por qualquer desporto coletivo, no entanto, revelavam mais dificuldades na Ginástica. Destaco uma aluna que mantinha o total interesse em qualquer modalidade. Nesta turma, os gostos pelas modalidades eram diversificados. Havia um grupo de alunos que apreciava mais a modalidade de Ginástica. Deparei-me também com duas alunas que não tinham qualquer interesse na disciplina. Procurei sempre motivá-las, lembrando que a prática de exercício físico é fundamental para a vida e para a saúde, no entanto, nem sempre obtive retorno cooperativo da parte delas. Apenas um aluno praticava desporto federado (Andebol). Havia um grupo bastante dedicado e naturalmente esforçado às atividades propostas e um pequeno grupo com mais dificuldade nas modalidades em geral.

A outra turma do 9º ano era mais pequena, constituída por 17 alunos, 10 rapazes e 7 raparigas, com idades entre os 14 e os 17 anos. Este grupo de alunos, no meu ponto de vista, era mais homogéneo no que diz respeito ao espírito de trabalho, de grupo e valores, mas não

em termos de desempenho motor. Existiam bastantes diferenças entre eles, a maior parte dos rapazes praticava a modalidade de Futebol, revelando uma grande aptidão em torno de modalidades coletivas, os restantes rapazes apresentavam algumas dificuldades. As alunas de modo geral apresentavam mais dificuldades nos exercícios propostos. Como referido anteriormente, destaco mais uma vez, uma das alunas que tinha completo interesse em todas as atividades, pois a mesma praticava a modalidade de Natação e possuía um gosto geral pelo Desporto. Neste grupo a gestão de comportamentos dentro do espaço de aula era mais descomplicada, pois apesar das idades e das fases que atravessavam, eram jovens com espírito de união, companheirismo e inclusão. Decidi destacar estas características, pois nesta turma estava inserido um aluno da “Unidade” (aluno do ensino especial) que apresentava debilidades motoras e cognitivas. Este aluno era bastante acompanhado e orientado pelos colegas, quer dentro do espaço da aula, quer em todo o contexto escolar. Uma vez que o aluno não tinha o acompanhamento do professor da “Unidade” nas aulas de EF e que seria a primeira vez que eu tinha sido colocada neste contexto, este revelou ser um grande desafio para mim enquanto EE e pessoa. Tentei, de alguma forma, estimular e criar meios de adaptação para este aluno. Saliento mais uma vez, a interajuda dos colegas que foi fundamental e gratificante.

A turma do 5º ano era constituída por 21 alunos, 14 rapazes e 7 raparigas. Para além de ser uma turma relativamente grande, deparei-me com uma realidade completamente diferente da que havia encontrado nas outras turmas. Estávamos ainda no primeiro semestre quando lecionei a UD de Futebol. Os alunos para além das idades, por se tratar de crianças, tinham ainda comportamentos de muita agitação, pois ainda não se tinham adaptado ao novo ciclo escolar. Necessitei de adaptar estratégias, de modo a impor regras para que a comunicação e transmissão de conhecimentos fosse possível. A maioria dos rapazes tinha completo interesse pela modalidade, demonstrando consistentemente de forma “histórica” este mesmo gosto. As raparigas da turma, assim como, um pequeno grupo de rapazes, não tinham muita habilidade na modalidade apesar de manterem sempre o interesse pela prática. Saliento que nesta turma estava inserido um aluno com autismo, que necessitava de apoio contínuo, pois para além de ser muito irrequieto, por vezes, praticava ações agressivas para com os colegas. Este processo não foi de fácil gestão, mas tentei sempre me informar mais e melhor de como lidar com este problema. Em suma, esta foi a turma onde mais existiu dificuldades na gestão de comportamentos. Eram todos muito irrequietos, apesar de motivados e esforçados para a prática. Mas este foi também um ponto que pude usar a meu favor, todos queriam participar nas atividades e isso também proporcionou o meu interesse

em trazer novos exercícios.

3.4 Caracterização do núcleo da PES

O núcleo da PES (NPES) desenvolveu o seu trabalho no Agrupamento de Escolas Gaia Nascente e foi constituído por quatro elementos, eu e a minha colega, Márcia Santos, o Orientador Cooperante, Professor Miguel Nascimento e a professora supervisora (SV), Professora Doutora Patrícia Gomes.

Relativamente à minha colega da PES, eu e a EE Márcia Santos já tínhamos partilhado a mesma turma aquando da licenciatura de Treino Desportivo. O que diferiu ao longo deste percurso foi a área de especialização de cada uma, sendo a minha a modalidade de Futebol e a da minha colega a modalidade de Ginástica. Visto sermos as duas provenientes do mundo do treino, as nossas experiências revelaram-se interessantes no processo de colocar em prática estratégias e modelos de ensino no meio escolar, partilhando, por vezes, as mesmas dúvidas em relação tanto a estes assuntos, como também, a outros assuntos inerentes à prática de ensino supervisionado. Através desta partilha enriquecemos a nossa reflexão sobre as nossas próprias aulas e das que fomos observando uma da outra. Ainda assim, considero que a existência de um terceiro elemento no grupo teria tornado o processo ainda mais enriquecedor, pela troca de experiências e conhecimentos.

O OC, Miguel Nascimento, é um professor experiente que está inserido naquele contexto escolar há cerca de 22 anos e é especializado na modalidade de Atletismo. Foi um agente fundamental para a nossa integração na escola, no meio docente e não docente. Inicialmente, contextualizou-nos sobre a estrutura e organização da escola e apresentou-nos o grupo de trabalho. Ao longo do ano letivo foi nos dando alertas e correções para erros ou situações que foram surgindo de modo a possibilitar uma melhor qualidade no nosso desempenho e, conseqüentemente, melhor aproveitamento por parte dos alunos. Tivemos também a oportunidade de o acompanhar no Desporto Escolar em Atletismo, e na modalidade de Atletismo que lecionou no curso profissional de Desporto. Auxiliou-nos principalmente na observação, análise e reflexão sobre possíveis atividades de aprendizagem para esta modalidade e nos métodos pelos quais poderíamos rentabilizar, aprimorando, assim, o nosso conhecimento.

A supervisão da PES, foi realizada pela Professora Doutora Patrícia Gomes, docente na UMAIA. A SV deu-nos linhas orientadoras tanto para a concretização da PES no contexto prático como também, para o RPES. Ao longo do ano letivo, a SV fez algumas visitas ao

local da prática da PES. Esta presença consistia na observação e avaliação das aulas lecionadas pelas EE, bem como dos planos de aula e unidades didáticas, e posteriormente, à discussão sobre os mesmos recursos. Estes momentos funcionavam então, como guia para melhorarmos alguns aspectos relevantes para o nosso desempenho como EE, verificando os pontos mais fortes e menos fortes das nossas aulas, e, contribuindo também, para a melhoria da nossa reflexão. Após cada intervenção da SV tentei sempre colmatar os meus erros e aperfeiçoar a minha prestação, embora nem sempre com êxito. Saliento também que os conselhos dados pela SV, a nível do RPES foram fundamentais para corrigir e aperfeiçoar o meu trabalho.

4. Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção

4.1 Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

4.1.1 Conceção de ensino

Com a evolução do ensino aliada à educação, a importância do mesmo foi-se alterando ao longo dos tempos. Visto que uma grande parte dos anos de vida de um indivíduo é passado em contexto escolar é essencial auxiliar também a formação pessoal de cada estudante.

Enquanto EE, estou em total acordo com o autor Graça (1999), pois destaca que o modo como se ensina a matéria aos alunos não depende apenas do conhecimento que o docente tem sobre a disciplina, como também, das convicções de ensino e aprendizagem. Esta interpretação reflete a nossa identidade enquanto docente e a conceção de ensino da EF, assim como, a importância que atribuímos à EF na vida dos alunos, identificamo-nos com determinadas abordagens e modelos para a conceção do processo de ensino e aprendizagem. É esta reflexão que nos permite, em função das necessidades dos nossos alunos, conceber o trabalho que pretendemos desenvolver para o ensino da EF. De acordo com Graça (2001), o modo como os professores pensam e desenvolvem as suas práticas são espelho das conceções dos conteúdos de ensino e dos alunos com quem trabalham. As crenças e valores do educador são um fator crucial, que distingue o seu método de ensino, porém, é também importante, que o docente esteja aberto à mudança, pois cada aluno transpõe diferentes necessidades e ritmos de aprendizagem. Como tal, um professor deverá ser um “facilitador de aprendizagem”, proporcionando um ambiente favorável à expansão do conhecimento do estudante (Gilakjani, 2012). Este assunto está diretamente relacionado com a nossa identidade docente que é sobretudo um processo biográfico e relacional de reapropriação crítica das experiências vividas (Dubar, 1997).

No decorrer da minha PES, procurei sempre ter em conta a importância das funções que acarreta o exercício da docência, para o efeito, recorria ao planeamento e leitura de métodos e modelos de ensino que pudessem conduzir-me a um melhor comportamento na ação, melhorando a qualidade das minhas aulas. Por consequente, nas minhas iniciativas procurei sempre transmitir valores, como a autonomia e a interajuda. Procurei também, orientar os alunos em comportamentos desviantes, conquistar a confiança deles, mas o meu foco foi sempre manter a motivação dos meus alunos na prática de Atividade Física.

Neste processo, uma vez que nos encontramos numa fase inicial do nosso percurso profissional, também, tendemos a focar-nos mais em nós, refletindo na nossa postura, no

nosso conhecimento e na forma como ensinamos com o objetivo de atingir melhores desempenhos. No entanto, com a adaptação ao contexto vamos conseguindo agir conforme as necessidades situacionais, direcionando o processo de ensino e aprendizagem para os alunos. Daí existir uma tendência dos nós EE, utilizarmos modelos mais conservadores no início da PES, passando, posteriormente, para outras estratégias e modelos de ensino ao longo do ano letivo.

4.1.1.1 Modelos de Ensino

Sobre os modelos de ensino, Metzler e Colquitt (2021) afirmam que os mesmos são testados nas escolas e em outros ambientes para certificar que são capazes de serem usados de forma eficiente e eficaz, para conseguir atingir as metas desejadas. São vários os Modelos de Ensino que estão disponíveis e que podem ser adotados pelo professor, tais como: O Modelo de Instrução Direta (MID) (Rosenshine, 2009), o Sistema Personalizado para a Instrução (PSI) (Keller, 1968), o Modelo de Aprendizagem Cooperativa, o Modelo de Educação Desportiva (MED) (Siedentop, 1987), o Ensino por Pares, entre outros.

Ao longo do ano letivo fui procurando e pesquisando quais os modelos que poderiam ser mais eficazes no processo de ensino e aprendizagem. Contudo, a escolha de cada modelo deve ser pensada e articulada com base nas características e necessidades dos alunos. Cada turma tem características diferentes e os modelos devem ser adaptados com base nessas mesmas características. Apesar desta pesquisa, durante a PES utilizei apenas um modelo de ensino, o MID. Posteriormente, de forma a enriquecer as aprendizagens e experiências escolares na EF, senti a necessidade de adotar outras estratégias pedagógicas, sendo que algumas delas baseadas nos objetivos de outros modelos.

O MID é conhecido pelo modelo mais tradicional, sendo adotado na EF na maioria das escolas. É a abordagem orientada para as habilidades técnicas e caracteriza-se por centrar na ação do professor a tomada de todas as decisões no processo de ensino e aprendizagem. O professor é o orientador do processo e organização da aprendizagem, onde dá instruções, explicações importantes e detalhadas e fornece feedbacks e correções, principalmente na fase inicial da aprendizagem (Metzler, 2011). Para Aleixo e Mesquita (2016) este modelo revela-se vantajoso numa fase inicial da aprendizagem, pois tem como estratégia pedagógica a instrução das habilidades, distribuídas e sequenciadas em pequenas partes de conteúdo. Estas estratégias foram aplicadas durante a PES na maioria das aulas, pois recorrer à instrução de pequenos passos permitia uma maior concentração por parte dos alunos e a possibilidade de aumentar o seu nível de desempenho. Este processo trouxe benefícios de instrução e

feedbacks mais detalhados e, conseqüentemente, eficácia na aprendizagem. Reconheço a necessidade de utilização do mesmo numa fase inicial, no entanto, foi possível detetar que os alunos precisavam de aprender, também, de forma mais criativa e autónoma, e por isso, procurei transmitir a necessidade de serem pessoas ativas e participativas no desenvolvimento de uma sociedade cada vez mais exigente. Assim sendo, optei por estratégias pedagógicas que estudei em outros modelos, como por exemplo, no MED.

O MED é um conjunto de características estruturais que persegue a ideia de contextualização desportiva. No sentido de garantir a autenticidade das experiências desportivas, Siedentop (1991) integrou seis características do desporto no MED: a época desportiva, a filiação; a competição formal, o registo estático, a festividade e os eventos culminantes. Este modelo comporta a inclusão de três eixos, o da competência desportiva, o da literacia desportiva e o entusiasmo pelo desporto, sendo o objetivo formar a pessoa desportivamente competente, onde são valorizadas as tradições e os processos associados ao desporto que distingue a boa e má prática desportiva. Durante a PES, foram utilizadas estratégias pedagógicas, onde alguns alunos assumiam vários papéis, por exemplo, o papel de árbitro ou chefe de equipa. Conseqüentemente, as estratégias que utilizei tiveram um impacto positivo na motivação dos alunos para a disciplina, pois todos se sentiam parte integrante do seu próprio processo de aprendizagem, o que, também, melhorou o clima de aprendizagem na turma em geral. As estratégias que utilizei eram abrangentes a vários modelos e nem todas eram específicas do MED, no entanto, decidi salientar o MED no meu RPES, porque é um modelo com o qual me identifico tanto me suportar nele para esta variedade, principalmente pelas características que incluí, e pelos seus objetivos. Inspirei-me neste modelo para tomar algumas decisões aquando do planeamento do plano de aula e da conceção dos mesmos. Contudo, devo referir que não o implementei na íntegra. Tenho em vista melhorar o meu conhecimento sobre o MED para que no futuro enquanto docente o possa colocar em prática, pois acredito carecer de uma maior confiança e experiência para o poder implementar com segurança e benefícios para os alunos, ao salvaguardar um bom ambiente pedagógico.

4.1.2 Planeamento

No início do ano letivo, os professores atravessam um processo essencial de análise de documentos curriculares que os auxiliam nas tomadas de decisão em relação à organização e ao planeamento do ano.

O planeamento é uma das primeiras tarefas do EE quando se depara no âmbito da

prática de ensino supervisionada. É importante, na ação de planejar, levarmos em consideração, todos os aspetos que serão abordados ao longo do ano letivo e quanto tempo lhes daremos a cada um. Esta previsão e cálculo das etapas é uma atividade que deve ser realizada com consciência, racionalidade e de forma segura, pois isso garantirá a obtenção ou não de sucesso.

Partindo deste princípio, que acabo de descrever, Bento (2003) refere que o conhecimento da realidade deve ser o ponto de partida para a elaboração do planeamento. Sendo que, este não pode ser realizado sem ter em conta o contexto escolar e as características de cada aluno e da turma. São considerados três níveis de planeamento: o plano anual, a unidade didática e o plano de aula, sendo que todos eles são organizados e estão interligados e compreendidos como fases intermédias e necessárias para proporcionar e promover um aumento da qualidade de conceção.

O plano anual consiste na análise das modalidades, estruturação de objetivos e conteúdos, distribuição das unidades de ensino pelos vários períodos do ano escolar, atividade fora do contexto de aula (torneios interturmas, corta-mato, visitas de estudos, etc.), e de um inventário dos recursos necessários e definição geral dos momentos e modalidades de avaliação (Quina, 2009). O planeamento anual foi construído pelo agrupamento de escolas e foi distribuído para as EE e para os restantes docentes de EF no início do ano letivo. Este documento continha a composição curricular com as respetivas aprendizagens. Terminada a análise deste documento, ficou mais claro definir quais os objetivos que eu pretendia atingir com as turmas pelas quais ficaria responsável.

Antes do início das aulas, o NPES realizou uma reunião com o grupo de EF de modo a conhecermos toda a dinâmica do agrupamento e conhecer o modo como a disciplina era planeada ao longo do ano. Nesta reunião também ficamos responsáveis pela realização das UD das modalidades a serem trabalhadas nas turmas que nos foram atribuídas, das quais: Andebol, Atletismo, Badminton, Basquetebol, Ginástica e Voleibol. Comecei por dividi-las pelo mesmo número de aulas, ficando 12 aulas para cada modalidade.

Ao longo do tempo que lecionei, acabei por contrariar o meu plano inicial, pois entendi que cada unidade demonstrava ter complexidades diferentes para as turmas que acompanhava, sendo que, tive de me adaptar e dar mais tempo a algumas modalidades e menos a outras. Por exemplo, a modalidade de ginástica demonstrou ser mais complexa para o nível em que os alunos se encontravam. Foi então, que entendi que as durações das UD não deveriam ser planeadas de forma tão linear, já que o objetivo é fazer com que os alunos aprendam novas habilidade se desenvolvam as que já possuem, portanto devo ser aberta à

mudança, e primeiro entender as necessidades de cada turma. Não só, o tempo da UD é influenciada por estas diferentes complexidades da modalidade, mas também, por fatores externos, como atividades que se sobrepõem, por vezes, às aulas de EF, o que também levou a um reajuste das UD e, conseqüentemente, do planeamento anual. Perante o apresentado, o EE encontra-se, na maior parte das vezes, com duas opções: refletir sobre os objetivos a atingir, redefinindo-os se necessário ou alterar o número de tempos da UD. Em relação às modalidades/matérias que foram lecionadas ao longo das minhas aulas, estas obedeceram a uma organização estruturada de forma progressiva e com uma sequência lógica de ensino. As UD permitiram organizar as aulas que iria lecionar, distribuindo por cada aula os objetivos que visava cumprir. Para isso, foi importante definir, inicialmente, os objetivos, tendo sempre em conta os apontamentos retirados por mim na AD relativamente ao desempenho motor dos alunos. A cada objetivo atribuí uma função didática, podendo esta ser de Introdução, Exercitação, Consolidação e Avaliação (Quina, 2009).

A última fase do planeamento diz respeito ao plano de aula. Este deve ser estruturado e planeado consoante o número em que se apresenta na unidade didática, fazendo cumprir os seus objetivos. Para que o plano de aula seja facilmente adotado pelo professor ou EE e até pelos restantes professores de EF, deve conter alguns pontos como: o número da aula, a identificação da unidade didática, a função didática, os objetivos gerais da aula, material, número de alunos e o seu ano escolar, a duração da aula, data, hora e local. Depois destas informações de base acerca da aula, para uma correta organização da aula, o plano está dividido em três partes: inicial, fundamental e final (Bento, 2003).

Quanto à realização dos planos de aula, ao longo do ano letivo vieram condicionar todo o planeamento anual elaborado anteriormente. Deste modo, e de acordo com o solicitado pelo OC, em todas as aulas fazia-me acompanhar do plano de aula, para orientação da mesma.

No que diz respeito à parte inicial da aula, o objetivo seria realizar a chamada para posteriormente dar início à mesma, primeiro com a explicação dos objetivos para aula e, por fim, com um exercício de ativação que fosse direcionado para a parte fundamental da aula. De seguida, o foco seria cumprir os objetivos planeados para a aula em específico. A parte final, era composta por um exercício de retorno à calma ou até mesmo com um diálogo com os alunos sobre a aula.

Ao longo da PES fui percebendo que o “guião” que eu delineava para a aula, sofria algumas alterações no decorrer da mesma, devido a algumas imprevisibilidades ou constrangimentos. Com o acontecimento destas situações, percebi que um planeamento se define apenas como um planeamento prévio, com uma utilidade bastante significativa, mas

sujeito a alterações. Devemos ter sempre preparada uma resposta adequada, mostrando assim, uma capacidade de improviso e adaptação capaz de reorganizar toda a planificação.

4.1.3 Realização

4.1.3.1 Dimensões da intervenção pedagógica

Siedentop (1998) refere que a intervenção pedagógica está dividida em quatro dimensões, sendo essas a instrução, a gestão, a disciplina e o clima de aula, e afirma ainda que todas elas se encontram presentes simultaneamente em cada momento de ensino. O meu objetivo enquanto EE foi gerir as quatro dimensões de modo a que fosse possível existir um melhor aproveitamento da aula.

O facto de ser treinadora de Futebol foi fundamental no auxílio da instrução, pois derivado dessa mesma experiência, demonstrei sempre confiança e segurança na minha comunicação com os alunos. Considero-me ser uma pessoa assertiva na transmissão de conhecimentos e durante o decorrer das aulas procurei, também, ter sempre uma comunicação clara e sucinta, para que a mensagem chegasse aos alunos sem que estes perdessem o foco. A instrução acompanhou-me sempre ao longo da PES. Numa fase inicial realizava uma breve explicação sobre os objetivos da aula, passando de seguida para a explicação prática dos exercícios, como também, fazia uma demonstração dos mesmos. Recorria a esta explicação inicial, pois acredito ser importante que os alunos compreendam quais os objetivos pretendidos com cada tarefa, para que realizem os exercícios com mais motivação e de forma mais eficaz. Para que o mesmo tivesse efeito, todos os exercícios propostos foram primeiramente exemplificados no contexto prático, a maior parte das vezes por mim e algumas vezes pelos alunos, de modo a garantir que todos compreendessem a tarefa. Na maioria das vezes, no início ou no final da aula recorria também ao questionamento aos alunos, como forma de revisão da matéria dada. Refletindo sobre a minha intervenção, reparo que fui sempre clara e objetiva nas explicações, dando maior ênfase na demonstração, pois percebia que os meus alunos compreendiam melhor o que pretendia em determinado exercício se visualisassem os movimentos corretos. A demonstração tornou-se uma ferramenta essencial para a explicação de cada tarefa. Ao mesmo tempo, pretendia que a explicação verbal fosse eficaz, utilizando palavras-chave para a rápida captação dos alunos, tentando, desse modo, evitar explicações muito longas que possibilitassem a distração dos alunos com comportamentos não desejados.

Segundo Mesquita (2005), uma das formas de instrução é o *feedback*, este que se

assume como uma reação do professor à prestação motora do aluno. Este proporciona ao aluno informações relativas à execução e resultado do movimento. Para além dessa função informativa, cumpre também uma função de reforço. Ou seja, a instrução e intervenção do professor influencia a motivação e disponibilidade para a prática de atividade física por parte do aluno (da Costa & Diniz, 1998). No que diz respeito ao *feedback*, houve alguma progressão na sua quantidade, mas ainda mais na sua qualidade, embora que ainda não ao nível desejado. Inicialmente, pela pouca experiência no contexto prático, tinha mais dificuldade em emitir *feedbacks* que realmente melhorassem o processo de aprendizagem, pois estava focada em gerir a aula, gerir comportamentos, tempo e material. Posteriormente, depois de me familiarizar com este último ponto, consegui direcionar a minha observação para os comportamentos motores dos alunos, percebendo quais estariam a ir de encontro ao pretendido e o que estava errado, reforçando positivamente ou corrigindo, sempre com vista a uma melhoria técnica ou tática. Também houve uma progressão na sua frequência e passei a ser mais consistente no meu *feedback*, pois estes influenciavam positivamente o desempenho dos alunos.

Emitir *feedback* revela-se uma tarefa essencial ao papel de professor, pois é através deles que acompanhamos o processo de aprendizagem do aluno ou da turma. Revela-se também como uma tarefa muito exigente, pois obriga-nos a estar sempre ligados à aula de forma interventiva e crítica, o que foi o principal fator motivador para mim. Reparei ainda que os alunos demonstraram muita adesão ao *feedback* visual, tentando imitar os comportamentos demonstrados.

Toda esta dinâmica com os alunos, dificultou-se quando me deparei, pela primeira vez, com um aluno do ensino especial, pois o mesmo possuía bastantes dificuldades visuais e auditivas. Com este aluno, coloquei ainda mais em ação a minha capacidade de adaptação, utilizando outro tipo de estratégias, como por exemplo, o *feedback* cinestésico. Ao longo das UD, montei circuitos ou pequenas tarefas para o aluno realizar, explicando-lhe os exercícios e acompanhando-o pelo circuito, praticando os exercícios com ele e, corrigindo o seu posicionamento corporal em determinado movimento. Para este efeito, como não o podia acompanhar a aula toda, obtinha a ajuda de uma aluna que não podia realizar grande parte das aulas práticas, devido a um problema nas costas devidamente atestado por um médico, por isso, a mesma ajudava-o a executar as tarefas corretamente, participando também ela na aula ativamente (com a minha supervisão). Integrei, os dois alunos, sempre que possível, em atividades de grupo ou em pequenos jogos das modalidades; foi notável, de igual forma, a interação e a cooperação dos colegas para com os alunos com mais dificuldade. Ainda assim,

efetivamente, não verifiquei desenvolvimento motor ou uma melhoria considerável no desempenho desses dois alunos. Refletindo sobre as atividades planejadas para eles, deveria continuar a realizar exercícios de habilidade e coordenação individual, mas também implementar mais estratégias de inclusão.

No que diz respeito à gestão, procurei otimizar a maior parte do tempo em contexto prático, pois considero que o mais importante no domínio técnico dos alunos seja o contacto com as modalidades. Algumas estratégias que utilizei para que o tempo de prática dos alunos fosse maximizado foram: a construção dos exercícios antes do início da aula para que possibilitasse no decorrer das atividades uma gestão rápida na organização do material, ou seja, ser possível trabalhar diferentes conteúdos ao mesmo espaço, alterando apenas as variantes das tarefas, mantendo a estrutura inicial; e a organização das equipas se necessário antes do início da aula. Enquanto os alunos realizavam um exercício, distribuía os coletes de acordo com as equipas predefinidas. Desta forma, evitava perder tempo na transição de exercícios.

Relativamente à disciplina, inicialmente comecei por ter uma postura um pouco “rígida”. Esta postura foi necessária, pois pretendia “tomar pulso” da turma. Posteriormente, fui dando abertura e depositando confiança nos alunos para diálogos, no sentido de criar um equilíbrio na ligação com cada turma. No decorrer do ano letivo, nunca senti nenhuma falta de respeito para comigo, apenas alguns comportamentos menos corretos uns com os outros. Nestas situações, optei por falar com os intervenientes à parte do resto da turma, explicando que os mesmos não eram comportamentos adequados, orientando-os para uma possível resolução de problemas. Por duas ou três vezes, em aulas de mais euforia, senti necessidade de repreender a turma em geral para não se dispersarem do conteúdo da aula. De modo geral, os comportamentos foram sempre corrigidos e resolvidos.

Por último, o clima que considero ser um fator muito importante no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, pois estes sentir-se-ão mais motivados para a prática se também sentirem e gostarem do ambiente escolar onde estão inseridos. Neste sentido, procurei sempre manter uma certa distância entre mim e a turma, e em simultâneo, criar uma proximidade equilibrada, o que resultou num clima de aula propício à aprendizagem dos alunos, pois os mesmos foram capazes de diferenciar momentos descontraídos de momentos de ensino e aprendizagem e de trabalho.

4.1.4 Avaliação

As funções da avaliação são: a certificação, a seleção e a orientação. A certificação garante que o aluno atingiu o nível pretendido; a seleção assegura a identificação dos alunos para a entrada, o prosseguimento ou vida ativa; a orientação trata-se de comunicar com os alunos os resultados da avaliação, permitindo a quem está a avaliar fazer diagnósticos ou, posteriormente, fazer planificações (Natriello, 1987). Contudo, a principal função da avaliação é fazer parte para o sucesso do processo educativo e analisar em que medida é que isso foi alcançado, com o principal objetivo de melhorar a atividade educativa, ajustando e orientando o processo de ensino de aprendizagem (Ribeiro, 1991).

Segundo Quina (2009), o processo de avaliação deve ter como base algumas das seguintes questões: Avaliar, para quê? Avaliar baseado em que critérios ou referências? Avaliar com base em que princípios? Que instrumentos a avaliação deve utilizar? Ao longo da minha PES, utilizei três modalidades de avaliação, a diagnóstica, a formativa e a sumativa.

A avaliação diagnóstica (AD) segundo Gonçalves et al. (2010), tem como principal objetivo recolher informação que possibilite ao professor ajustar a atividade, adequando à necessidade de desenvolvimento do aluno. De modo a iniciar o processo de avaliação da melhor forma, considerei aplicar uma AD em cada modalidade. Deste modo, procurei ter um ponto de partida do que deveria trabalhar com a turma e apontar as principais dificuldades de cada um dos alunos. Por exemplo: através da observação de tarefas simples (verificação da execução de um passe no Voleibol) ou, por vezes, observando grupos pequenos de “jogo” (1x1 ou 2x2). Posteriormente, nas seguintes aulas de AD que foram realizadas, para que houvesse um registo que me auxiliasse no planeamento de aulas futuras, fiz apontamentos sobre as principais dificuldades dos alunos em cada modalidade. Aquando da minha reflexão sobre a aula, criava e adaptava a UD e respetivos planos de aulas às características que tinha analisado na AD. Concluindo, a AD foi a avaliação onde mais senti dificuldades pois o meu foco foi direcionado para contextos competitivos e coletivos e deveria ter sido mais focado no desempenho técnico e individual. Através da reflexão posterior e pela sua importância e determinação no desenvolvimento e decorrer das aulas, considero que a AD deve ser realizada com mais rigor, no sentido em que enquanto docente, o meu foco deve estar mais centrado em tarefas simples e observar as execuções dos alunos e sobretudo, refletir sobre o motivo dos alunos estarem a executar ou não corretamente um conteúdo ou uma determinada técnica. Isto com o objetivo de corrigir e, posteriormente, adaptar exercícios que vão ao encontro dessa mesma correção.

Em relação à avaliação formativa (AF) é a avaliação que decorre durante a ação, ou

seja, é utilizada para auxiliar e complementar o processo de ensino e aprendizagem e, não para o finalizar (Leitão, 2013). Durante a PES, procurei avaliar formativamente os alunos através da observação dos seus comportamentos, intervindo no sentido de contribuir para o melhoramento do desempenho de cada um. Apliquei exercícios ao longo das aulas que me permitiam verificar o ritmo e o desenvolvimento dos mesmos em relação às competências a desenvolver. Em suma, a AF é a melhor forma de ter sempre presente as falhas e as capacidades de uma turma ou um aluno, tendo sempre em conta que o processo de desenvolvimento dessas capacidades é diferente de aluno para aluno e de turma para turma. O meu objetivo como EE era conduzir os alunos no sentido de alcançarem o seu maior potencial. Esta é uma avaliação que se aplica aos alunos durante o processo de aprendizagem e que permite verificar a progressão dos mesmos à superação das suas dificuldades. Ao mesmo tempo, é a avaliação formativa que prepara para o culminar que é a Avaliação Sumativa.

A avaliação sumativa (AS) é utilizada para realizar um balanço, revelar ou tomar decisões sobre o resultado final de um processo de aprendizagem (Araújo et al., 2015). Podemos dizer, que dentro da AS, estão compreendidos, conceitos como: a verificação dos conteúdos aprendidos, a averiguação das competências dos alunos, a comparação entre alunos, a medição da capacidade do aluno de desempenhar determinada tarefa e, também, a classificação da produção dos alunos (Leitão, 2013). O momento de avaliação sumativa apesar de ser visto com receio por parte de alguns alunos, esta avaliação acaba também por ter a finalidade de os preparar para uma realidade de pressão e de objetivos que devem ser cumpridos. No fundo, o momento de AS poderá tornar-se um fator motivador, pois dá sentido ao processo de trabalho, levando a que os alunos se esforcem no decorrer das aulas para atingirem determinado nível no final de cada UD ou de cada semestre e ano de escolaridade. Embora apresente esta panóplia de vantagens, a AS terá de se traduzir num número que, poderá não refletir todo o processo do aluno. Por isso, é importante, que, no momento da avaliação final, se tenha em conta tanto a AS, como também a AF, onde os alunos serão avaliados consoante as suas competências motoras, socioafetivas (pontualidade, assiduidade, cooperação e participação) e cognitivas, assim como a sua evolução em todo o processo de ensino e aprendizagem. Durante a PES esta avaliação foi realizada no final de cada UD, avaliando então o desenvolvimento dos alunos, as competências, os conhecimentos adquiridos, e as suas atitudes e valores. O instrumento utilizado nas avaliações finais foi uma grelha de observação criada por mim. Esta grelha era composta por conteúdos técnicos e táticos e respetivos critérios a avaliar, como também a participação e esforço na tarefa

proposta. A escala de apreciação foi de 0 (não executa), 1 (executa), a 2 (executa muito bem). Todos os alunos, na última semana de cada período, realizaram também a sua autoavaliação, refletindo sobre a sua avaliação e o seu desempenho. Em cada semestre foram lecionadas três modalidades diferentes. A avaliação final de cada semestre foi constituída pela soma de 30% de cada modalidade, e 10% da aptidão física (Fitescola). Na AS de cada modalidade já estavam incluídos os domínios cognitivo e socioafetivo. Por último, é importante referir que o OC deu autonomia para atribuir as classificações e apresentá-las no conselho de turma, sempre com o seu parecer em relação às avaliações. Com esta autonomia foi possível sentir responsabilidade na atribuição das notas, onde criei um espírito reflexivo sobre a atribuição das mesmas.

5. Participação na escola e Relação com a comunidade

5.1 Atividades realizadas

O ato de “educar” engloba na minha opinião, transmitir conhecimentos aos alunos, em todos os contextos escolares, mesmo que não estejam inerentes à “sala de aula”. É importante existir criatividade e colocar em prática atividades dinâmicas de modo a poder proporcionar aos alunos experiências de partilha e aprendizagem que sejam relevantes no seu desenvolvimento integral. O que mais preenche o ser humano são momentos de partilha que ficam na memória e se mantêm eternos.

Como referido anteriormente, o meu NPES participou em várias atividades desenvolvidas na escola, ao longo deste ano letivo.

No mês de outubro organizamos o seminário “À conversa com... Susana Costa” (Anexo I), uma apresentação da ex-atleta olímpica, destinada aos alunos do curso profissional de Desporto do 10º ano. Esta sessão teve em vista a explicação do seu percurso profissional enquanto atleta no triplo salto. Susana Costa teve uma conversa franca sobre as suas motivações iniciais da prática da modalidade, as influências das mudanças de treinador e da importância que esta atividade teve num contexto individual, até chegar ao Atletismo no alto rendimento. Penso ter sido um momento único e inspirador para os alunos, visto estarem diante de uma ex-atleta olímpica que tanto mérito teve no seu percurso.

No mês de dezembro participamos no workshop de hóquei em patins, com o Filipe Santos, e no Corta-Mato Escolar (Anexo II). Promovemos a boa organização dos eventos, agrupando e gerindo os alunos provenientes de todo o agrupamento no pavilhão, com o auxílio dos alunos da turma do curso profissional de Desporto do 10º ano, e preparando os mesmos para a prova.

No mês de janeiro participámos no Campeonato Distrital de Atletismo ao nível de Desporto Escolar, acompanhando alguns alunos nas provas. Em simultâneo, participámos no Mega Sprint também no âmbito do Desporto Escolar. Nas duas provas acompanhamos e colaboramos ativamente na organização dos alunos pelo espaço, explicando as suas funções em cada estação, tendo também eles um papel autónomo e participativo nas atividades.

Visto que os alunos do 9º ano ambicionavam a realização de um torneio de Futebol já há algum tempo, neste mesmo mês eu e a minha colega EE, organizamos o torneio intitulado por “Anes Champions”. Nesta atividade, tive um papel bastante relevante, devido aos meus conhecimentos adquiridos na modalidade ao longo do meu percurso no Futebol. Por consequente, visto ser a minha área específica, nesta atividade tive um papel fundamental na

definição do regulamento para o torneio, nas regras de funcionamento do mesmo, árbitros, equipas e pontuações, contando sempre com a colaboração e as ideias da minha colega EE. O torneio foi disputado com um jogo por semana, sempre com a nossa supervisão. Os jogos eram disputados turma contra turma, e o árbitro era um aluno escolhido entre eles, de uma turma que não estava a disputar o torneio naquele instante. O aluno que estivesse a realizar esta tarefa foi sempre orientado por mim, tendo eu, um papel interventivo na maior parte das vezes na atribuição de leis de jogo. Este torneio estendeu-se até ao mês de março. No final, culminou numa turma vencedora e na respetiva entrega de prémios. Esta atividade foi para mim uma oportunidade de colocar em prática os meus conhecimentos noutra contexto, neste caso, no escolar.

Em abril, celebrámos o Dia Mundial da Dança (Anexo III), e contámos com a presença de uma turma da licenciatura de Condição Física e Bem-Estar do IPMAIA, que dinamizou uma atividade inclusiva a toda a comunidade escolar, de Dança.

Já no mês de maio recebemos a visita de dois professores e atletas de Kayak (Anexo IV), que apresentaram a modalidade aos alunos, que também lhes deram a oportunidade de experienciar o material utilizado, incluindo o próprio kayak e a pagaia. Esta atividade também foi uma aprendizagem enriquecedora para mim, pois passei a conhecer um pouco melhor esta modalidade.

No mesmo mês participamos na “Semana da Cor” (Anexo, V), que consistia em vestir uma peça da cor estipulada para cada dia daquela semana. A mesma foi destinada para o pessoal docente e não docente e para os alunos.

Perto do final do ano letivo, no dia 1 de junho, tivemos o Dia Mundial da Criança (Anexo VII). O meu núcleo colaborou na organização de atividades lúdicas para todos os alunos da escola. Entre várias atividades realizadas ao longo do dia, a principal atividade consistiu na “Caça ao Tesouro”. Os intervenientes, inscreveram-se por equipas e tinham o objetivo de encontrar todas as pistas espalhadas pelos vários postos devidamente identificados na escola. As estações tinham várias tarefas em que os alunos, em equipa, tinham de superar para obter a pista de cada local e, por conseguinte, reunir todas as pistas e conquistar o tesouro.

Por último, na escola sede do agrupamento, porém aberto a toda a comunidade escolar, colaborámos na organização do “Sarau Desportivo 2023” (Anexo VI), que conteve várias apresentações de vários anos escolares. Este foi o último evento em que participámos e o último do ano letivo também, por isso acabou por refletir o bom clima, o espírito de grupo e cooperação entre todos os intervenientes da escola: alunos, professores, estagiários e

pessoal não docente.

5.2 Fazer aprender para lá da aula: impactos da minha experiência e atuação

Este processo da PES confirmou todas as minhas pré-concepções em relação ao processo de aprendizagem e ao papel de professor. Esta profissão acarreta muito mais do que apenas o ato de lecionar, porquanto é uma profissão que nos permite, educar pela transmissão de valores. Ser professor não se pode limitar apenas à transmissão de conhecimentos académicos, mas sim, também, à formação de homens e mulheres com bons princípios éticos para que estes se tornem bons exemplos na sociedade.

Considero que neste papel seja fundamental encontrar um clima positivo fora e dentro do “espaço da aula”, que seja motivador a todos os participantes e, deste modo, a própria motivação no processo de aprendizagem flui para ambas as partes (professor e alunos). Ao longo do meu percurso pude vivenciar boas experiências, que me ensinaram também valores diretamente ligados à prática de Desporto e que consegui transpor para a vida, sendo este um dos propósitos que pretendia passar para os meus alunos. Procurei, sabendo das especificidades de cada turma que lecionei, transmitir valores como entreajuda e partilha de momentos. Desta forma, considero ter criado uma boa relação com os meus alunos e contribuído em alguns momentos, para a importância da união e partilha entre eles. Nesta experiência e atuação, não pude de forma alguma colocar de lado os valores que fazem parte da minha identidade pessoal, no que diz respeito à minha personalidade e experiências prévias, quer formativas, quer pessoais. Concordando com Boeree (1998), a aprendizagem ocorre pela observação de comportamentos daqueles com quem se convive. Pois, ao mesmo tempo que o meio causa comportamentos, também os comportamentos influenciam e constituem o meio, formando uma relação simbiótica.

Por fim, e com a criação de um bom clima e transmissão de valores, nos dias de hoje, um professor de EF, tem ainda mais um papel importante a desempenhar, pois vivemos numa sociedade dominada pela tecnologia, onde o sedentarismo está cada vez mais acentuado.

5.3 Socialização profissional e institucional

A socialização profissional apresenta-se como uma oportunidade para o EE, para descobrir a organização do seu contexto de atuação profissional, o seu funcionamento e o trabalho dos docentes que nela lecionam, proporcionando assim a inserção na escola (Lima, 2018).

O meu primeiro contacto com o grupo disciplinar de EF foi na primeira reunião do ano letivo, antes do início das aulas. Esta reunião teve como objetivo a apresentação de todos os professores, das escolas e das atividades propostas para todo o ano. Foi neste momento que conheci os professores com quem iria ter mais contacto durante o meu percurso e percebi desde logo o espírito de trabalho naquele contexto. Posteriormente, nas reuniões de conselho de turma foram apresentados os professores de outras disciplinas que lecionavam também as turmas do NPES. Sentia nessas reuniões um clima acolhedor a novos estagiários e, desde logo, me colocaram à vontade para dúvidas ou questões.

No decorrer deste percurso, os locais de encontro durante os intervalos das aulas, eram sempre no bar e na sala de professores. Neste contexto, era possível socializar com professores de todas as disciplinas e de todos os anos, favorecendo o clima positivo e motivador para os EE. Além disso, num contexto mais formal, continuámos a realizar reuniões de conselho de turma, as intercalares e finais de cada semestre. Estas reuniões refletiam claramente as preocupações dos docentes, o interesse e motivação, tanto dos diretores de turma, como dos outros professores em compreender e resolver os problemas dos alunos, quer fossem estes a nível escolar, quer pessoal.

A minha postura dinâmica e simpática ajudou muito às ligações que criei com os outros professores. O OC Miguel Nascimento teve um papel fundamental neste processo. Esta moderação concebida pelo OC, entre mim e o pessoal docente foi o desbloqueador principal, pois influenciou a minha integração no grupo de professores, já todos muito experientes.

Neste enquadramento, saliento a cooperação do pessoal não docente, pois eram eles os primeiros a dar as boas-vindas com simpatia no começo de cada dia de aulas. Estes que sempre se mostraram disponíveis para ajudar em qualquer ocasião, tornando possível um ambiente agradável e bom desempenho nas atividades de aulas ou de lazer, com a limpeza e organização de todos os espaços.

Para concluir o aspeto da socialização profissional e institucional, considero que encontrei em cada escola um excelente ambiente, que contribuiu para o desempenho do meu trabalho. As experiências que acumulei ao longo deste trajeto, tiveram um balanço positivo a todos os níveis, desde a aquisição de conhecimentos por parte de professores mais experientes, à criação de amizades e contatos para projetos futuros.

5.4 A Componente ético-profissional

A ética é um conjunto de princípios e valores que vão de certa forma orientar a ação do professor e o estabelecimento de regras, nomeadamente para o bem do aluno. Valores como o respeito, a liberdade, a justiça, a autonomia, a solidariedade, a honestidade, a igualdade, a imparcialidade, a competência, a pontualidade, a dignidade, a verdade, a responsabilidade e o rigor, são princípios e valores que devem ser considerados durante a docência, particularmente, na relação com os alunos, na atuação do docente dentro e fora da escola, na organização curricular, em relação a outros professores e colegas, ao sistema educativo, à sua profissão, família e comunidade (Caetano e Silva, 2009).

Como já referido anteriormente, a figura de um professor não se pode resumir à transmissão de conteúdos académicos. O professor deve ser visto como um exemplo a seguir, para que desta maneira haja introdução de hábitos e reprodução de comportamentos sociais aceites, que se tornem relevantes na formação do carácter. A escola é um dos principais contributos para a formação e educação da sociedade, como tal, os seus agentes, e principalmente os professores como principais intermediários do conhecimento, devem colocar em primeiro plano os valores humanistas, facilitando um ambiente estimulante para o desenvolvimento sociomoral dos alunos.

Desta forma, os meus objetivos estiveram sempre em comunhão com os das escolas que estive inserida, pois considero que fui sempre cordial com todos os docentes, não docentes e com todos aqueles com quem me relacionei. Tentei ao máximo cumprir com os horários, falhando algumas vezes, infelizmente. Este comportamento que me faz muito refletir sobre o exemplo a dar aos alunos quanto à pontualidade e assiduidade, tornando-se um aspeto a melhorar no futuro. De modo geral, considero ter tido uma boa conduta ético-profissional. Relativamente aos alunos, primei sempre pela compreensão, respeito e simpatia para com todos eles, o que originou a criação de laços de proximidade com uma grande parte.

Assim, com algumas falhas no caminho, acredito que na componente ético-profissional apresentei uma postura correta com todos os que me cruzei nesta trajetória escolar.

6. Desenvolvimento profissional

6.1 Dificuldades e necessidade de formação contínua: um imperativo da profissão

A falta de prática pedagógica na formação inicial da docência, provoca dificuldades no estudante, sobretudo no que diz respeito à necessidade de conexão de saberes científicos com saberes pedagógicos e práticos (Krug, 2001).

Ao longo do ano letivo senti algumas dificuldades pelo caminho, tais como, as responsabilidades inerentes à prática e a todo o planeamento e organização das aulas, que juntamente com a minha colega EE e OC, fomos debatendo e encontrando soluções. O grupo de EF, também teve um papel importante na superação de obstáculos, partilhando opiniões e vivências que contribuíram para desenvolver estratégias, tendo em vista a resolução dos aspetos referidos. Na maior parte dos casos, mudando a minha perspetiva de analisar os problemas que foram surgindo, apreciei e aproveitei as dificuldades sentidas como construção de conhecimento.

Refletindo sobre as minhas competências teóricas e práticas, senti dificuldades em algumas modalidades. Exemplo disso foi a modalidade de Ginástica, que através de diálogo com a minha colega EE, que detinha conhecimento específico, procurei colmatar as minhas falhas, voltando a rever alguns conteúdos da formação anterior, com o objetivo de dominar e melhorar a modalidade e, assim, o processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Cunha (2008), a formação ao longo da vida é essencial perante as mudanças ocorridas na sociedade, pois os saberes não são eternos e há necessidade de valorizar a formação contínua. Considero de extrema importância a realização de ações de formação, para um melhor desenvolvimento e desempenho profissional, uma vez que as mesmas nos ajudam a evoluir no processo de lecionar as modalidades abordadas e na implementação de métodos de ensino. Tal como aconteceu durante a realização da minha PES, com a modalidade de Ginástica. Desta forma, considero necessário realizar ações de formação para melhorar o meu desempenho, para que situações como estas sejam evitadas no futuro.

7. Reflexões finais

O RPES elaborado representa o caminho percorrido ao longo deste ano letivo e a finalização da etapa mais importante da minha aprendizagem.

Analisando esta caminhada da PES, toda a aprendizagem adquirida ao longo do meu percurso acadêmico fez deste processo uma excelente oportunidade de reflexão sobre a profissão que quero exercer. Durante este percurso foram superados desafios e obstáculos que possibilitaram uma transformação não só a nível profissional, como pessoal. Dentro e fora do “espaço de aula” é necessário saber distinguir a vida pessoal da vida profissional e isto foi algo que tive de saber separar ao longo deste ano letivo.

Ao longo da PES fui moldando a minha identidade docente, consoante os acontecimentos ocorridos no decorrer das ações. Sempre presente esteve a responsabilidade de fazer parte da educação dos meus alunos, como também transmitir a importância da prática de exercício físico na vida de cada um deles. Os alunos tinham ritmos superiores ou inferiores de aprendizagem, ou de desempenho diferentes dependendo de cada UD. Então o meu objetivo foi desde sempre a inclusão de todos, para que todos pudessem obter resultados positivos, de forma a melhorar o desempenho de cada um.

Considero que este não foi um ano fácil e cheio de emoções fortes. Foram algumas as situações vividas, que, por vezes, me fizeram ir abaixo, ao ponto de querer desistir e desacreditar que era capaz, no entanto foram esses mesmos desafios que me fizeram crescer e amadurecer. Todos os desafios, tais como, as minhas falhas, quer na pontualidade e assiduidade, são fatores importantes na minha reflexão e evolução para o meu futuro.

Senti dificuldades em algumas modalidades e considero de extrema importância dar continuidade à formação, pois o processo de aprendizagem nunca deve ser dado como finalizado, devendo estar sempre em constante evolução.

Chegando agora ao fim do meu percurso acadêmico, revejo-me com um sentimento de satisfação e orgulho, mas, principalmente, com a sensação de dever cumprido, por estar a um passo de alcançar o meu objetivo de ser professora de EF.

Com esta experiência, levo no coração as pessoas que me inspiraram ao longo do ano letivo, juntamente com toda a aprendizagem que me foi proporcionada. Sinto que cresci e ajudei a crescer. A PES deu-me a possibilidade de passar da teoria para a prática, aprender e ensinar.

Concluindo, faço referência às turmas com as quais tive o privilégio de trabalhar ao longo do ano letivo, foram a minha principal fonte de satisfação e dever cumprido. Não só

pelos resultados obtidos na aprendizagem, mas sim, principalmente, por sentir que eram realmente meus alunos e pela boa relação com grande parte deles.

8. Referências bibliográficas

Albuquerque, A., Graça, A. & Januário, C. (2005). *A supervisão pedagógica em educação física: A perspectiva do orientador de estágio*. Lisboa: Livros Horizonte.

Aleixo, I. M. S.; Mesquita, I. (2016) *Impacto de diferentes estratégias de ensino no desenvolvimento do conhecimento declarativo de iniciantes na ginástica artística*. Revista Brasileira Ciências do Esporte. v. 38., p. 349-357.

Araújo, F., & Diniz, J. (2015). *Hoje, de que falamos quando falamos de avaliação formativa?* Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física, 39,41-52

Bento, J., O. (2003). *Planeamento e avaliação em educação física*. Lisboa: Livros Horizonte.

Boeree, C.G. (1998b). *Personality theories: Alfred Adler* [On-line] Disponível em: <http://www.ship.edu/~cgboeree/adler.html>

Caetano, A.P. & Silva, M. L. (2009). *Ética profissional e formação de professores*. Sísifo. Revista de Ciências da Educação, 08.

Cunha, A., C. (2008). *Ser professor bases de uma sistematização teórica*. Braga: Casa do professor

DUBAR, C. (1997). *A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editora.

Graça, A. (1999). *Conhecimento do Professor de Educação Física. Contextos da Pedagogia do Desporto – Perspetivas e Problemáticas*. Lisboa: Livros Horizonte

Graça, A. (2001). *Breve roteiro da investigação empírica na pedagogia do desporto: a investigação sobre o ensino da educação física*. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 1(1), 104-113

Gilakjani, A. P. (2012). *A match or mismatch between learning styles of the learners and teaching styles of the teachers*. International Journal of Modern Education and Computer Science, 4(11), 51.

Gonçalves, F., Albuquerque, A., & Aranha, Á. (2010). *Avaliação um caminho para o sucesso no processo de ensino e aprendizagem*. Maia: Edições ISMAI – Centro de Publicações do Instituto Superior da Maia.

Keller, F. S., "Goodbye, Teacher ...," Journal of Applied Behavior Analysis, vol. 1, 1968

Krug, H. (2001). *Formação de Professores Reflexivos: ensaios e experiência*. Santa Maria: O Autor.

- Leitão, I. A. (2013). *Os diferentes tipos de avaliação: avaliação formativa e avaliação sumativa*. (Relatório de mestrado). Universidade nova de Lisboa, Lisboa.
- Lima, R., Benites, L., Resende, R., & Cardoso, S. M. (2018). *Reflexões dos futuros professores de Educação Física sobre o seu processo de formação académica* 36 (1), 2-15.
- Mesquita, I. (2005). *A pedagogia do treino. A formação em jogos desportivos coletivos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Metzler, M., & Colquitt, G. (2021). *Instructional Models for Physical Education* (4th ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003081098>
- Metzler MW (2011). *Instructional Models for Physical Education*, 3 ed. Scottsdale, Arizona: Holcomb Hathaway, Publishers, Inc.
- Natriello, G. (1987). *The Impact of Evaluation Processes on Students*. Educational Psychologist, 155 – 175.
- Nóvoa, A. (2000). *Vidas de professor*, 2ª Edição, Porto: Porto Editora.
- Quina, J. (2009). *A organização do processo de ensino em educação Física*
- Rosenshine, B. (2009). *The empirical support for direct instruction*. In S. Tobias & T. M. Duffy (Eds.), *Constructivist instruction: Success or failure?* (pp. 201–220). Routledge/Taylor & Francis Group.
- Seabra, C., Silva, E., & Resende, R. (2016). *A prática de ensino supervisionada em educação física*. Journal of Sport Pedagogy and Research, 2 (3), 32 – 47.
- Siedentop, D. (1987). *Dialogue or exorcism? A rejoinder to Schempp*. Journal of Teaching in Physical Education. 6: 373-76
- Siedentop, D. (1991). *Developing teaching skills in physical education* (3º ed) Mountain View, CA: Mayfield.
- Siedentop, D. (1998). *Aprender a ensinar la educacion física*. Barcelona: INDE.
- Simões, M. A. (2008). *Início da carreira docente: Desafios e dificuldades*. Lisboa: M. Simões, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Aberta.
- Tardif, M. (2002). *Saberes docentes e formação profissional* (5ª ed) Rio de Janeiro: Vozes.

Legislação consultada:

Decreto-Lei nº79/2014 de 14 de maio.

Decreto-Lei nº 63/2016, de 13 de setembro.

ANEXOS

ANEXO I



1 Seminário à conversa com... Susana Costa

A poster for a seminar. The top part features a photo of Susana Costa in action, wearing a green and white athletic top with 'SPAR' and 'COSTA' on it, and 'ZÜRICH 2014' on her bib. The text 'À CONVERSA COM... SUSANA COSTA' is written in green and white. The bottom part of the poster has a green background with white text: 'ATLETA OLÍMPICA TRIPLO SALTO', 'DIA 11 DE OUTUBRO', '10h20', 'Auditório', and 'AULA TEÓRICO-PRÁTICA'. On the left side of the bottom part, there is a logo for '40 10 AEGNESGN'.

ANEXO II



2 Corta Mato Escolar

ANEXO III



3 Dia Mundial da Dança

ANEXO IV



4 Kayak Vem à Escola

ANEXO V

Semana da cor



Vamos dar alegria e colorido a esta escola mostrando a união dos professores.

O desafio é trazer uma peça da cor indicada para cada dia da semana, seguindo o código:

Dia 29 - **2ª feira - Vermelho**

Dia 30 - **3ª feira – Verde**

Dia 31 - **4ª feira – Rosa**

Dia 1 - **5ª feira – Branco**

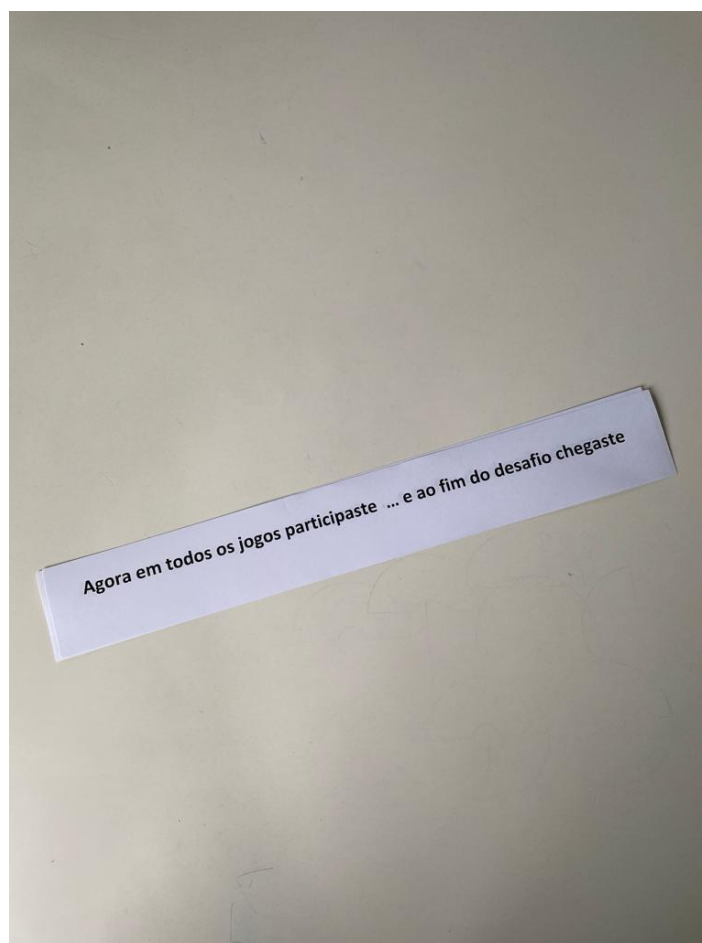
Dia 2 - **6ª Feira - Azul**

ANEXO VI



6 Sarau Desportivo 2023

ANEXO VII



7 Dia Mundial da Criança